



OS CAMINHOS DO *DIABO* PELAS CAPITAIS DO NORTE E DO NORDESTE: UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO COM BASE NO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

THE PATH OF THE DEVIL THROUGH THE CAPITALS OF THE NORTH AND OF THE NORTHEAST: A GEOLINGUISTIC STUDY BASED ON THE LINGUISTIC ATLAS OF BRAZIL

*Geisa Borges da Costa*¹

RESUMO:

O artigo apresenta um estudo sobre o campo léxico-semântico da religião e das crenças. Buscou-se fazer uma análise das denominações utilizadas pelos falantes das capitais do Norte e do Nordeste do Brasil para nomear o item lexical *diabo*. Para isso, utilizaram-se inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, realizados com 120 informantes, distribuídos equitativamente por ambos os sexos, em duas faixas etárias e dois níveis de escolaridade, selecionados de acordo com os critérios da Dialetologia Contemporânea. Pautando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional, analisou-se a primeira pergunta do Questionário Semântico-Lexical referente à área semântica da religião e das crenças, com o intuito de documentar a riqueza sinonímica para a variante *diabo*. Os dados foram coletados através da pergunta: “Deus está no céu e no inferno está ...?”. Foram documentadas trinta e uma variantes: *anjo mau, anticristo, besta, besta-fera, belzebu, bicho feio, bicho ruim, cão, capeta, capiroto, chifrudo, coisa ruim, cramunhão, criatura, cruz-credo, demo, demônio, desgraça, diabo, encardido, enxofre, inimigo, Lúcifer, nefisto, príncipe dos céus, sapirico, satã, satanás, sujo, tinhoso, troço*. A lexia *diabo* foi a resposta com maior frequência no *corpus* do trabalho, perfazendo um total de 30% dos dados, seguida de *satanás* (18%), *cão* (11,7%), *demônio* (9,3%), *capeta* (7,8%) e *Lúcifer* (6%). O estudo serviu para demonstrar a diversidade linguística e cultural do léxico religioso do português falado no Norte e no Nordeste do Brasil, sendo de extrema importância para o conhecimento da multidimensionalidade que a língua portuguesa assume nos diversos espaços físicos e socioculturais.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; Religião e Crenças; Atlas Linguístico do Brasil

¹ Doutora em Língua e Cultura e Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia e Professora Adjunta de Língua Portuguesa da mesma instituição, gbdcosta@ufba.br.



ABSTRACT:

The article presents a study on the lexical-semantic field of religion and beliefs. We sought to make an analysis of the denominations used by the speakers of the capitals of the North and Northeast of Brazil to name the lexical item devil. For this, surveys of the Atlas Linguistic Project of Brazil were used, carried out with 120 informants, distributed equally by both sexes, in two age groups and two levels of education, selected according to the criteria of Contemporary Dialectology. Based on the theoretical-methodological assumptions of Pluridimensional Geolinguistics, the first question of the Semantic-Lexical Questionnaire regarding the semantic area of religion and beliefs was analyzed, in order to document the synonymic richness for the devil variant. The data were collected through the question: “Is God in heaven and in hell is ...?”. Have been documented thirty-one variants: *anjo mau*/bad angel, *anticristo*/antichrist, *besta*/beast, *besta-fera*/beast-beast, *belzebu*/beelzebub, *bicho feio*/ugly animal, *bicho ruim*/bad animal, *cão*/dog, *capeta*/devil, *capiroto*, *chifrudo*/horned, *coisa ruim*/bad thing, *cramunhão*, *criatura*/creature, *cruz-credo*, *demo*, *demônio*/demon, *desgraça*/disgrace, *diabo*/devil, *encardido*/grimy, *enxofre*/sulfur, *inimigo*/enemy, *lúcifer*/lucifer, *nefisto*/nephisto, *príncipe dos céus*/prince of the heavens, *sapirico*, *satã*/satan, *satanás*/satan, *sujo*/dirty, *tinioso*/tousy, *troço*/thing. Lexia *diabo* was the most frequent response in the corpus of work, making a total of 30% of the data, followed by *satanás* (18%), *cão* (11.7%), *demônio* (9.3%), *capeta* (7,8%) and *lúcifer* (6%). The study served to demonstrate the linguistic and cultural diversity of the religious lexicon of Portuguese spoken in the North and Northeast of Brazil, being extremely important for the knowledge of the multidimensionality that the Portuguese language assumes in the different physical and socio-cultural spaces.

KEYWORDS: Lexicon; Religion and Beliefs; Linguistic Atlas of Brazil

Introdução

O nível lexical da língua é a área da linguagem que melhor reflete a realidade cultural e social de uma comunidade. É pela palavra que o indivíduo vai conhecendo o universo à sua volta e o mundo se revela para ele através de diferentes sentidos, sensações, sentimentos, pessoas, objetos, os quais são nomeados e reconhecidos por esses nomes. Desse modo, os elementos do mundo biossocial são registrados e identificados, constituindo-se em um universo significativo para o falante.

Em sua ligação com o mundo exterior, a palavra identifica o ser humano, ajuda-o a construir vínculos sociais, culturais, religiosos e afetivos, revelando-se como um modo de aproximação ou de distanciamento entre as pessoas, que se afligem, se angustiam, se entristecem ou se alegram ao ouvir determinadas palavras.

O nível lexical da língua é considerado o retrato da cultura de um povo, refletindo aspectos vinculados às experiências sociais e culturais de uma comunidade, pois, ao escolher formas linguísticas para nomear os referentes do mundo físico e do universo simbólico, o indivíduo revela não somente a sua percepção da realidade, mas compartilha valores, práticas culturais e

crenças do grupo social em que se enquadra.

As realizações lexicais dos indivíduos expressam sua visão de mundo, suas crenças, suas ideologias, seus valores e a norma linguística aprendida através das práticas socioculturais presentes em seu grupo social, que, geralmente, mantêm entre si uma identidade linguística.

Tendo em vista que a língua é também um produto cultural da comunidade, e, dentre os níveis da língua, o léxico é um dos mais afetados pelas influências socioculturais, o estudo sobre o léxico poderá evidenciar aspectos bastante significativos da correlação entre a língua e a diversidade sociocultural.

As questões que motivaram esta pesquisa foram:

- De que forma se manifesta a produtividade das variantes para designar aspectos do campo léxico-semântico das religiões e das crenças, mais particularmente, do item lexical *diabo* nas capitais do Norte e do Nordeste do Brasil?
- Como se apresenta a distribuição diatópica das variantes lexicais para *diabo* nas capitais nortistas e nordestinas?
- Para responder a esses questionamentos, tem-se como objetivos do trabalho:
- Descrever e analisar a produtividade das variantes referentes ao item lexical *diabo* nas capitais do Norte e do Nordeste;
- Verificar a distribuição espacial das variantes lexicais registradas para nomear o referente *diabo*.

O trabalho estrutura-se em cinco seções. A primeira consiste na introdução, em que se delineou o escopo principal da pesquisa. A segunda fará um breve panorama dos estudos dialetais. A terceira refere-se à metodologia adotada na pesquisa. A quarta apresenta a análise geolinguística dos dados e a quinta seção traz as considerações finais do artigo.

Breve panorama dos estudos dialetais

A diversidade dos usos linguísticos como representação dos diferentes espaços geográficos pode ser facilmente percebida pelos falantes, que reconhecem a origem do indivíduo através das marcas regionais transpostas em sua linguagem. Entretanto, embora fosse inegável a existência da variação linguística nas diferentes localidades e ambientes sociais, o tratamento científico para investigar esses fatos da linguagem nem sempre esteve assentado em uma base sólida.

O interesse em tratar a língua sob a perspectiva da sua variabilidade no espaço físico

remonta ao século XIX, um período em que a dificuldade de locomoção e a ausência de meios de comunicação tais como rádio e televisão tornavam as características linguísticas das diversas regiões do país bastante particulares, revelando aspectos da linguagem que, muitas vezes, eram conhecidos apenas em determinadas áreas geográficas.

Conforme Cardoso (2010), dois aspectos fundamentais estão na gênese da Dialectologia: i) o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e ii) o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades prefixados.

O estudo sistemático das variações, sobretudo de natureza geográfica, foi formalizado, segundo Brandão (1991), à época em que as investigações no campo da linguagem se desenvolviam de acordo com o método histórico-comparativo.

Apesar de a preocupação com os fatores de ordem sociocultural se fazer presente desde o início dos estudos dialetais, os primeiros trabalhos dialetológicos buscaram descrever a variabilidade linguística associada às diferenças espaciais. Desse modo, a Dialectologia, em seus primórdios, priorizou a dimensão diatópica da variação linguística, numa perspectiva eminentemente monodimensional.

O interesse inicial da Dialectologia era catalogar os usos linguísticos dos falantes situados em áreas distantes dos centros urbanos, pois estes mantiveram em sua fala variantes linguísticas mais conservadoras, pelos fatos de fazerem parte de uma rede social mais densa e de sofrerem, em menor grau, a influência linguística proveniente dos meios de comunicação e dos indivíduos mais escolarizados e com um repertório cultural mais amplo.

Em virtude disso, os informantes selecionados para a recolha dos dados dialetais apresentavam um determinado perfil de acordo com a finalidade do estudo. Os critérios estabelecidos para a seleção dos informantes não levavam em conta a distribuição equitativa de fatores sociais como faixa etária, gênero ou escolaridade. Os informantes eram pessoas que deveriam possuir as seguintes características: serem nascidos e residentes na zona rural, serem homens idosos, levarem uma vida sedentária e terem baixa ou nenhuma escolaridade.

O perfil do informante da Dialectologia tradicional foi identificado por Chambers; Trudgill (1994, p. 33) pela sigla inglesa de NORMS “*nonmobile, older, rural, males*”, que poderia ser traduzida, literalmente, para o português como “homens, sedentários, mais velhos, rurais”, dialogando com o que Zágari (2005) chama de HARAS, isto é, homem, adulto, rural, analfabeto e sedentário.

Em artigo intitulado *Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional*, Cardoso (2002) afirma que, se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais, é porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou de distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos ou geográficos.

Com o desenvolvimento das pesquisas dialetais, foram se definindo mudanças metodológicas no campo de investigação da Dialetoлогия, relacionadas, sobretudo, à necessidade de se descreverem falares que transpusessem os espaços mais isolados e a perspectiva monodimensional. A disciplina amplia seu foco de interesse para além dos espaços geográficos, e, embora sua face social estivesse presente desde o princípio dos estudos, somente no século XX os fatores sociais passam a ser controlados sistematicamente juntamente com o estudo da distribuição espacial. Desse modo, os estudos dialetais voltam-se também à diversidade da fala que representa os centros urbanos e os contextos socioculturais da contemporaneidade.

A face social da Dialetoлогия tem se expandido bastante nos últimos anos e se materializado em diversos trabalhos que transpõem a descrição da variação no espaço geográfico, distinguindo-se da Dialetoлогия tradicional por recobrir um conjunto de parâmetros socioculturais e incluir em suas análises elementos referentes à organização social dos grupos humanos, à história, à cultura e ao contato entre línguas.

Aliada à busca de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal, a Dialetoлогия toma como elemento de investigação características socioculturais dos falantes, como idade, gênero, escolaridade, profissão com o intuito de fazer uma análise das relações entre os contextos interno e externo da fala.

Os condicionadores extralinguísticos ou sociais podem assumir diferentes papéis de acordo com o fenômeno linguístico e com a área geográfica investigada. Tomando o espaço geográfico como base para a análise da variação diageracional, diagenérica, diastrática e diafásica, a Dialetoлогия pluridimensional se movimenta em direção aos aspectos sociolinguísticos da língua e utiliza aqueles que possam contribuir para a descrição dos fenômenos dialetais.

Metodologia

Este trabalho constitui-se a partir de um segmento do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), considerando-se as respostas dadas pelos informantes para a primeira pergunta referente ao campo semântico Religiões e Crenças (cf. Comitê Nacional Do Projeto ALiB, 2001).

A questão 147 do QSL foi formulada, no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, com o fim de documentar a riqueza sinonímica utilizada pelos indivíduos para nomear o item lexical *diabo*. Desse modo, perguntou-se ao informante: “Deus está no céu, e no inferno está _____?”

Para este estudo, utilizaram-se inquéritos realizados com 120 informantes – 60 homens e 60 mulheres – das quinze capitais do Norte e do Nordeste do Brasil: quatro homens e quatro mulheres por capital; dois homens e duas mulheres pertencentes à Faixa I – dos 18 aos 30 anos; dois homens e duas mulheres correspondentes à Faixa Etária II – dos 50 aos 65 anos. Além dessas variáveis, os informantes foram separados também em dois níveis de escolaridade: nível fundamental incompleto e nível universitário, conforme a metodologia adotada pelo Projeto ALiB.

O tratamento dos dados consistiu no levantamento e distribuição de todas as variantes utilizadas pelos informantes. No caso deste estudo, catalogaram-se os usos linguísticos referentes à área Religião e Crenças, realizados pelos indivíduos das capitais das regiões Norte e Nordeste, para responder à questão 147 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB. Foram registradas todas as designações fornecidas como primeira, segunda, terceira ou quarta resposta pelos 120 informantes. Os dados foram submetidos a um tratamento quantitativo, utilizando-se valores absolutos e relativos, obtidos através da observação da frequência das variantes em cada localidade pesquisada.

Para organizar o material linguístico coletado, elaboraram-se quadros, gráficos e mapas, registrando-se o número de variantes encontradas e a distribuição das variantes de acordo com cada ponto linguístico.

Análise dos dados

A análise quantitativa foi realizada com um total de 332 dados, obtidos como respostas para a pergunta 147 do questionário semântico-lexical, o que corresponde a um total de 31 formas lexicais diferentes.

Todos os informantes responderam à questão, não havendo nenhuma abstenção e todas as respostas foram consideradas válidas. A *Tabela 1* mostra todas as formas documentadas para a questão 147, com o total das ocorrências e os índices percentuais registrados nas capitais do Norte e do Nordeste do Brasil.

Tabela 1 - Frequência das formas lexicais para *diabo*

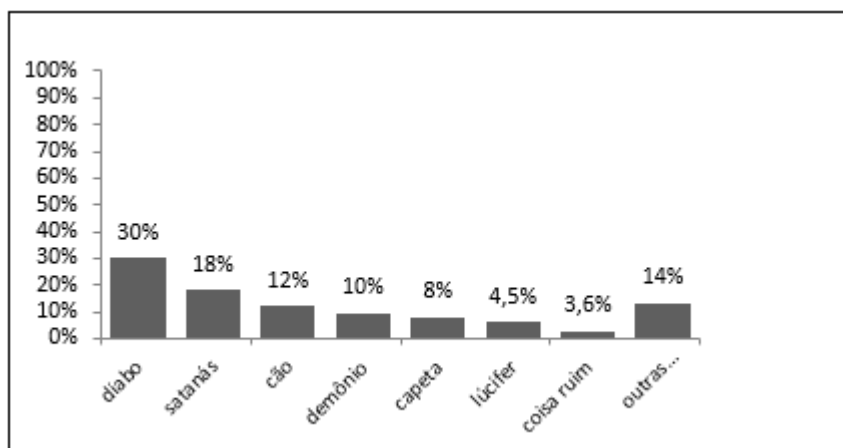
Itens Lexicais	Nº de ocorrências	%
Diabo	99	30
Satanás	60	18
Cão	39	11,7
Demônio	31	9,3
Capeta	26	7,8
Lúcifer	20	6
Coisa Ruim	10	3
Demo	6	1,8
Inimigo	6	1,8
Chifrudo	3	1,2
Belzebu	3	0,9
Capiroto	3	0,9
Satã	3	0,9
Besta	2	0,6
Anticristo	2	0,6
Encardido	2	0,6
Sujo	2	0,6
Tinhoso	2	0,6
Anjo mau	1	0,4
Bicho ruim	1	0,4
Cramunhão	1	0,4
Criatura	1	0,4
Cruz-credo	1	0,4
Desgraça	1	0,4
Enxofre	1	0,4
Nefisto	1	0,4
Besta-fera	1	0,4
Príncipe dos céus	1	0,4
Rabudo	1	0,4
Sapirico	1	0,4
Troço	1	0,4
Total	332	100

A análise estatística das ocorrências indica a lexia *diabo* como a resposta mais frequente no *corpus*, perfazendo um total de 30% dos dados, seguida de outras variantes, a saber: *satanás* (18%), *cão* (12%) *demônio* (9,3%), *capeta* (7,8%), e *lúcifer* (6%), respectivamente. As denominações que obtiveram percentual inferior a 4% das ocorrências foram: *coisa ruim* (cada uma com 10 ocorrências), *inimigo* e *demo* (cada uma com 6 ocorrências), *belzebu*, *chifrudo* e

capiroto (cada uma com 3 ocorrências), *anticristo*, *besta*, *satã*, *sujo*, *tinioso* (cada uma com 2 ocorrências), além de treze variantes que tiveram ocorrências únicas (*anjo mau*, *besta-fera*, *bicho ruim*, *cramunhão*, *criatura*, *cruz-credo*, *desgraça*, *enxofre*, *nefisto*, *príncipe dos céus*, *rabudo*, *sapirico*, *troço*).

O *Gráfico 1* resume a *Tabela 1*, evidenciando as variantes que ocorreram até dez vezes, o que demonstra a alta produtividade da variante *diabo* em comparação com as outras formas lexicais do *corpus*.

Gráfico 1 – Designações para *diabo* nas capitais do Norte e do Nordeste do Brasil



A lexia *diabo*, além de registrar o maior percentual no número geral das ocorrências, com 99 respostas em um total de 321 dados, conforme se pôde observar na *Tabela 1*, também foi documentada em todas as capitais pesquisadas.

A *Tabela 2* corresponde à distribuição das localidades em que as variantes ocorrem, demonstrando-se a presença das variantes para *diabo* nas capitais do Brasil em valores absolutos e percentuais.

Tabela 2 - Frequência das formas lexicais para *diabo* por número de capitais

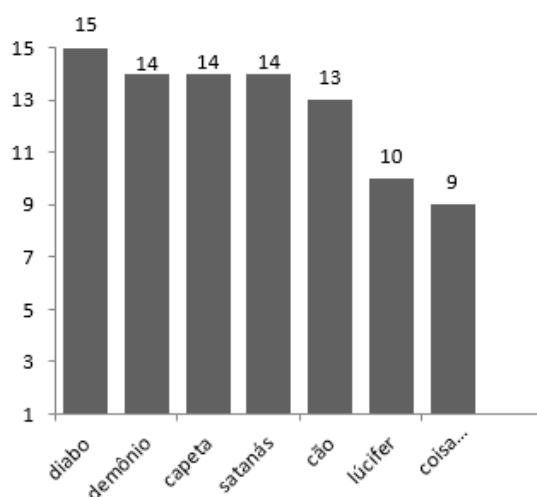
Itens lexicais	Nº de capitais	%
Diabo	15	100
Demônio	14	93
Capeta	14	93
Satanás	14	93
Cão	13	86
Lúcifer	10	66
Coisa ruim	9	60
Inimigo	6	40
Demo	4	26
Chifrudo	3	20
Satã	3	20
Belzebu	3	20
Capiroto	3	20
Anticristo	2	13
Besta	2	13
Encardido	2	13
Sujo	2	13
Tinhoso	2	13
Anjo mau	1	6
Besta-fera	1	6
Bicho feio	1	6
Bicho ruim	1	6
Cramunhão	1	6
Criatura	1	6
Cruz-credo	1	6
Desgraça	1	6
Enxofre	1	6
Nefisto	1	6
Príncipe dos céus	1	6
Rabudo	1	6
Sapirico	1	6
Troço	1	6

Como se verifica, a lexia *diabo* está presente nas 15 localidades da pesquisa, ou seja, em 100% das capitais que fazem parte do estudo, correspondendo, portanto, à norma lexical de todas as áreas geográficas da pesquisa. As variantes *demônio*, *capeta* e *satanás* só não foram

registradas em uma capital: a primeira em Aracaju - SE, a segunda em Natal - RN e a terceira em Belém – PA, perfazendo um total de 93% de frequência no estudo. A variante *cão* só não foi registrada em Recife – PE e em Salvador – BA. A variante *lúcifer* foi registrada em dez capitais e a variante *coisa ruim* esteve presente em nove cidades brasileiras. As outras lexias tiveram presença em menos de 50% das localidades. Em todas as capitais pesquisadas, houve a ocorrência de diversas variantes para o termo buscado na questão 147, registrando-se mais de cinco variantes em cada cidade. As variantes que tiveram ocorrência única estão presentes em dez localidades e foram as seguintes: *anjo mau* e *príncipe dos céus* (São Luís), *besta-fera* (Teresina), *bicho feio*, *nefisto* e *rabudo* (Macapá), *bicho ruim* (Fortaleza), *cramunhão* (Aracaju), *criatura* (Salvador), *cruz-credo* (Boa Vista), *desgraça* (Teresina), *enxofre* e *troço* (Maceió), *sapirico* (Natal).

O Gráfico 2 foi elaborado com base na Tabela 2 e mostra as lexias que foram registradas em até 10 capitais do Norte e Nordeste do Brasil.

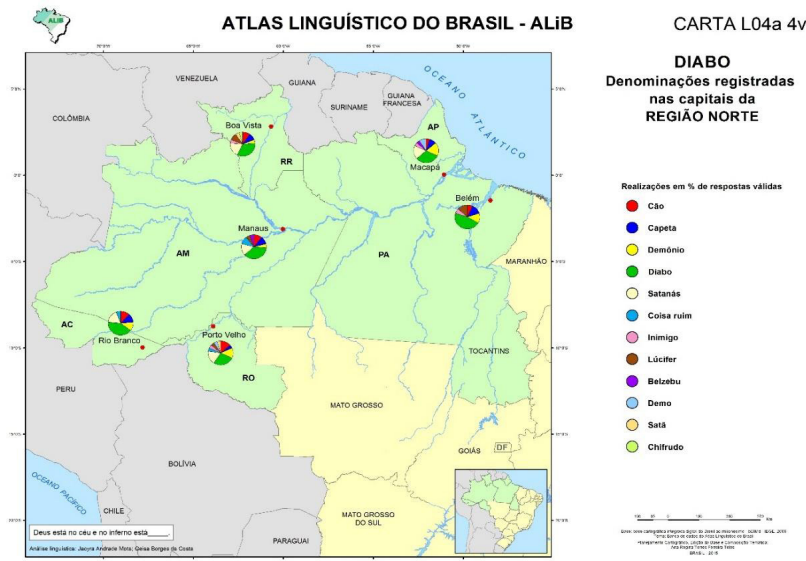
Gráfico 2 – Presença das variantes para *diabo* nas capitais do Norte e do Nordeste



O Gráfico 2 mostra que *diabo* está presente em todas as capitais pesquisadas. As variantes *demônio*, *capeta*, *satanás* e *cão* também estão presentes na maioria das cidades, possuindo uma ampla distribuição diatópica, o que pode demonstrar sua representatividade linguística em todo o Norte e Nordeste do Brasil.

Na Carta 01, apresenta-se a distribuição espacial dos itens lexicais mais expressivos que foram registrados nas capitais da Região Norte.

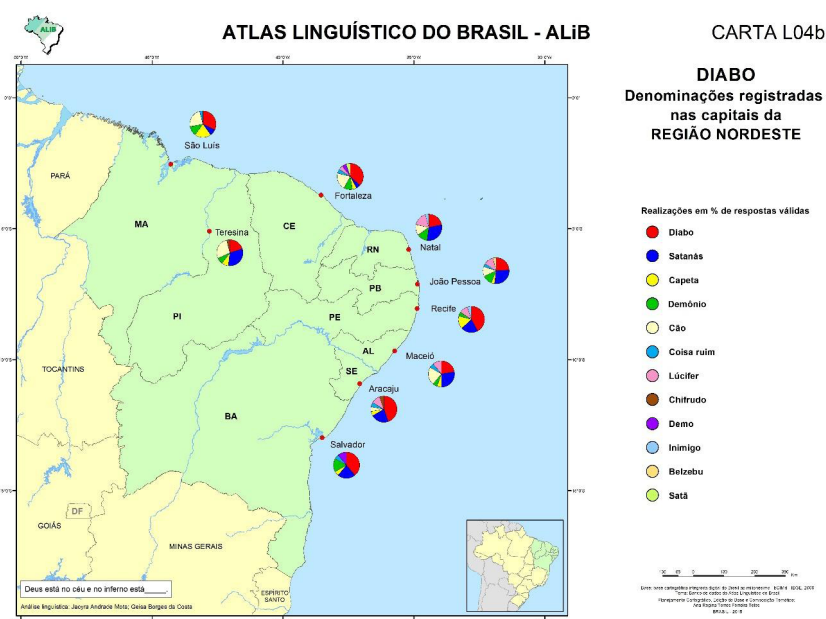
Figura 1 – Carta Linguística para *diabo* no Norte do Brasil



Fonte: Costa (2016, p. 145)

Foram catalogadas dezenove designações para o referente em destaque na região Norte. A variante *diabo* foi registrada em todas as capitais com um índice alto de ocorrências, que inclui mais de um dos informantes das capitais Belém, Boa Vista, Macapá e Rio Branco e dois informantes de Porto Velho. A variante *satanás* obteve a segunda maior produtividade no Norte, embora não tenha sido registrada em Belém. As lexias *demônio*, *cão* e *capeta* foram documentadas em todas as capitais da região Norte. O item lexical *inimigo* foi documentado em quatro capitais: Belém, Boa Vista, Macapá e Porto Velho. A variante *coisa ruim*, embora com baixa produtividade, foi registrada em três das seis capitais: Manaus, Porto Velho e Rio Branco. A lexia *Lúcifer* só não foi documentada em Macapá e Rio Branco. As variantes *demo*, *tinioso*, *satã*, *belzebu* e *besta* foram documentadas em somente duas capitais: *demo* e *besta* em Macapá e Porto Velho; *tinioso* em Macapá e Manaus, *satã* em Boa Vista e Porto Velho e *belzebu* em Macapá e Manaus. Seis variantes tiveram ocorrência única: *chifrudo* e *cruz credo* (documentadas apenas em Boa Vista), *anticristo*, *bicho feio* e *nefisto* (registradas somente em Macapá).

Na Carta 02, apresenta-se a distribuição espacial dos itens lexicais mais expressivos que foram registrados nas capitais da Região Nordeste.

Figura 2 – Carta Linguística para *diabo* no Nordeste do Brasil

Fonte: Costa (2016, p. 146)

O conjunto dos dados documentou 26 designações para o referente pesquisado na região Nordeste. A variante *diabo* foi registrada em todas as capitais com um índice alto de ocorrências, sendo pronunciada por todos os informantes de Aracaju, Salvador, São Luís e Recife. A variante *satanás* também foi bastante produtiva no Nordeste, ocorrendo em todas as capitais da região. A lexia *demônio* só não foi registrada em Aracaju e a variante *capeta* não foi registrada apenas em Natal. A variante *cão* não foi documentada em duas capitais: Salvador e Recife. A variante *coisa ruim* foi registrada em seis capitais: Aracaju, João Pessoa, Salvador, São Luís, Maceió e Fortaleza. A lexia *Lúcifer*, ainda que tenha tido baixa produtividade, foi documentada em seis capitais: Aracaju, Natal, Recife, Maceió, João Pessoa e Fortaleza. As variantes *sujo*, *chifrudo*, *encardido* e *inimigo* foram documentadas em duas capitais: a primeira, em Aracaju e Maceió; a segunda, em Aracaju e São Luís; a terceira, em Aracaju e Natal; a quarta, em Maceió e Recife. Catorze variantes tiveram ocorrências únicas. São elas: *anjo mau* e *príncipe dos céus* (São Luís), *anticristo*, *besta fera*, *capiroto* e *desgraça* (Teresina), *belzebu* e *sapirico* (Natal), *bicho ruim* (Fortaleza), *cramunhão* (Aracaju), *criatura* (Salvador), *enxofre* e *troço* (Maceió), *satã* (João Pessoa).

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo principal analisar, sob a perspectiva diatópica, a produtividade das variantes lexicais para a primeira questão da área semântica Religiões e Crenças, documentada pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil nas capitais nortistas e nordestinas.

A investigação seguiu as diretrizes teóricas e metodológicas da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea. Os dados lexicais que integram o *corpus* do trabalho foram coletados através de 120 entrevistas do Questionário Semântico-Lexical realizadas nas quinze capitais brasileiras que integram o Norte e o Nordeste do Brasil.

No que tange à questão “Se Deus está no céu, no inferno está...?”, as unidades lexicais apuradas para o referente *diabo* correspondem a 31 formas lexicais, o que demonstra a produtividade da variação relacionada ao conceito compreendido por este item lexical.

O estudo possibilitou o conhecimento de importantes elementos linguísticos manifestados através do campo semântico-lexical das religiões e das crenças. As marcas culturais dos falantes das capitais brasileiras estão impressas nos elementos lexicais utilizados para nomear “o ser que está no inferno”.

As variantes documentadas demonstraram ser o termo *diabo* uma lexia tabu, pois os informantes, ao responderem à questão, utilizaram muitas formas metafóricas para substituí-lo, como: *coisa ruim, inimigo, anticristo, sujo, encardido*.

No campo religioso, não é raro o falante utilizar termos metafóricos, eufemísticos e disfemísticos como um meio de não proferir determinadas palavras consideradas pecaminosas ou malditas, as quais são fortemente rejeitadas e, normalmente, sofrem sanção social.

Nas mais variadas culturas, existe a crença de que a simples pronúncia de algumas palavras pode atrair para as pessoas toda sorte de males, devendo-se evitar o uso de determinados termos, a fim de afastar os perigos que eles podem trazer.

O estudo apresentou algumas informações bastante significativas do ponto de vista diatópico: a lexia *diabo* foi documentada nas 15 capitais que fizeram parte do estudo; as variantes *demônio, capeta, satanás e cão* também obtiveram uma alta produtividade nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Buscou-se, com este estudo, contribuir para o entendimento de aspectos do léxico regional, através do exame de unidades lexicais que revelaram alguns aspectos da diversidade linguística dos falantes das capitais nortistas e nordestinas.

As pesquisas de cunho dialetal têm servido para demonstrar a riqueza e a pluralidade de normas linguísticas existentes no interior do português falado no Brasil, sendo de extrema importância para o conhecimento da multidimensionalidade que a língua portuguesa assume nos diversos espaços físicos e socioculturais.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, S. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, S. Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE*, v.4, nº2, p.1-16, 2002.

CARDOSO, S. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CHAMBERS, J. K. Y.; TRUDGILL, P. J. *La dialectologia*. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

COSTA, G.B. *Denominações para 'diabo' nas capitais brasileiras : um estudo geossociolingüístico com base no Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador : UFBA, 2016. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2016.

ZÁGARI, M.R. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005. p. 45-72.